

CRÍTICAS

SARA & ANDRÉ
USUFRUEM DE
SARA & ANDRÉ**Carla Filipe**

“É um espaço estranho e maravilhoso o ar é seco, quente e insípido / Precarious, Escape, Fascination”
Kunsthalle Lissabon,
Lisboa

Até 10 Abril

O artista Pedro Cabral Santo, questionado a propósito do seu projecto expositivo *Voyager* (2009), afirmava que todas as exposições são exposições colectivas, na medida em que o trabalho artístico é sempre resultante de uma noção de colectividade no seu fazer, pensar, conseguir. Esta noção de que o artista produz a partir de um conjunto de colaborações é invocada, de forma exacerbada, na prática da dupla Sara & André (criada em 2000), em particular num dos principais desdobramentos do seu trabalho: *Fundação*.

O programa *Fundação* sintetiza-se no convite feito pela dupla, a artistas com quem partilham “afinidades electivas”, para produzirem uma obra que tenha como conteúdo as questões que a entidade Sara & André pretende enunciar. Parte deste projecto, em permanente construção, é agora apresentado no Espaço PLMJ, ao lado de peças da série *Claim to Fame* (conjunto retórico do estatuto, da autoridade, que Sara & André sentiram que tinham de “alcançar”, para poderem deslocar-se para uma linha de trabalho mais coerciva: reunião de um mapa referencial ou produção de um index).

A dupla tem vindo a desenvolver uma prática que se baseia num jogo com os enunciados do paradigma da arte, segundo uma perspectiva modernista e ocidental (o texto de Miguel Amado, curador da mostra, é minucioso no encaixe teórico do sentido de oportunidade do *modus operandis* de Sara & André). No entanto, é a relação iminente com a questão foucaultiana – “O que é um autor?” – que nos emerge como problema indispensável, que se torna explícito numa fracção da exposição. No piso inferior – onde apenas são apresentadas obras comissionadas pela Fundação PLMJ (a Norberto Lobo, Marta & Alves, Tiago Baptista, Marco Mendes, Rosa Baptista, Miguel e Gonçalo Pena) – o projecto de Sara & André impõe-se e cria um palimpsesto do texto institucional que o alberga, produz e posiciona. Aqui, surgem, subtilmente subvertidas, as lógica de uma colecção, a interpretação de um espaço de galeria/museu, o fardo da herança duchampiana de obra/autor, as implicações económicas da arte, etc. A (não) autoria transforma-se numa subscrição, e é a partir deste ponto que o trabalho se autonomiza, e sobre ele que se criam expectativas, porque, como é descrito por Foucault: “O nome do autor não está situado no estado civil dos homens nem na ficção da obra, mas sim na ruptura que instaura em certo grupo de discursos e o seu modo de ser singular. (...) A função do autor é, assim, característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de alguns discursos no interior de uma sociedade” + **Maria do Mar Fazenda**

Sara & André

“Claim to Fame”
Espaço Fundação
PLMJ, Lisboa
Até 15 Maio

